

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

TAMIRIS COELHO DE MORAES SOARES

A PERCEPÇÃO ESTUDANTIL DURANTE A MOBILIDADE *OUT* SEMESTRAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RIO DE JANEIRO
2022**

TAMIRIS COELHO DE MORAES SOARES

A PERCEPÇÃO ESTUDANTIL DURANTE A MOBILIDADE *OUT* SEMESTRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Departamento de Línguas Estrangeiras, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Dra. Adriana Maria Ramos Oliveira

**RIO DE JANEIRO
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S676 Soares, Tamiris Coelho de Moraes
A percepção estudantil durante a mobilidade out semestral /
Tamiris Coelho de Moraes Soares. — 2022.
45f.+ apêndice : il. color., grafs., tabs. ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2022.
Bibliografia : f. 44-45
Orientadora: Adriana Maria Ramos Oliveira

1. Intercâmbio educacional. 2. Programas de intercâmbio de
estudantes. 3. CEFET/RJ – Estudantes universitários. 4. Relações
internacionais. I. Oliveira, I. Adriana Maria Ramos (Orient.). II.
Título.

CDD 378

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível porque ao longo da minha trajetória eu me cerquei de pessoas maravilhosas, que me apoiaram a cada passo do caminho. Pessoas que estiveram presentes nas alegrias e nos momentos difíceis, e que, muitas vezes, acreditaram no meu potencial mais do que eu mesma. Por isso, apresento aqui minha tentativa de expressar minha imensa gratidão por todos que podem compartilhar da minha vitória.

Para os meus professores, serei eternamente grata por todo o conhecimento transmitido dentro e fora de sala de aula. Tive o privilégio de ser aluna de profissionais incríveis e que me servem de modelo para a trajetória profissional. Agradeço em especial às duas professoras que mais marcaram a minha passagem pelo CEFET: Gileade Godoi, por sempre me desafiar e me fazer querer ir além, e Adriana Ramos, por nunca parar de me ensinar e ser a melhor orientadora que eu poderia pedir.

Agradeço a minha família por ser a base de tudo. À minha mãe e ao meu padrasto por serem meus maiores incentivadores, aos meus tios por serem coadjuvantes importantes nessa jornada e ao meu primo por ser minha inspiração para melhorar o mundo.

Aos amigos que fiz na faculdade, meu mais sincero “muito obrigada” por não terem deixado que eu desistisse. Asafe, Fernanda, Gabriele, Larissa, Matheus, Nathalia, Patricia e Thais, tenho certeza que só tive uma experiência universitária incrível porque vocês fizeram parte dela.

Agradeço também aos amigos que fiz no intercâmbio e que por um ano foram minha família longe de casa: Angélica, Francisca, Jihane, João, Letícia, Patrick e Paulo.

Expresso também a minha gratidão àqueles que estiveram presentes durante a jornada de crescimento profissional na L’Oréal: Alice e Arthur, obrigada por compartilharem comigo o RH e os desafios de virar gente grande.

E a quem eu possa ter esquecido, mas que de alguma forma possa ter contribuído para eu chegar até aqui, o sentimento é só um: Gratidão!

RESUMO

SOARES, Tamiris Coelho de Moraes. **A Relevância Do Intercâmbio Para A Formação Dos Alunos Do CEFET/RJ**. 2022. 58 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo fazer um levantamento de dados que permita analisar os impactos e, sobretudo, a relevância do Intercâmbio acadêmico na formação dos discentes do CEFET/RJ. Como forma de obtenção desses dados, foi aplicado um questionário àqueles que já passaram por um dos programas de mobilidade da instituição, com o intuito de gerar uma pesquisa que conseguisse basear a argumentação a partir das experiências dos participantes. Foram feitas, para esse fim, perguntas que levam a compreensão das habilidades desenvolvidas no âmbito acadêmico e pessoal, como a evolução a nível linguístico e a relação intercâmbio-empregabilidade. Além disso, o trabalho buscou apresentar informações sobre a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI) do CEFET/RJ. A intenção foi mostrar desde os programas disponíveis aos alunos, até como os intercambistas são acompanhados e apoiados pela instituição. Tais elementos analisados serviram de base para as propostas finais do trabalho, como por exemplo, a assinatura de novos tipos de convênios com universidades estrangeiras e formas inovadoras de fomento ao intercâmbio acadêmico.

Palavras-chave: Intercâmbio. CEFET/RJ. ASCRI. Mobilidade Internacional. Convênios internacionais.

ABSTRACT

SOARES, Tamiris Coelho de Moraes. **The Relevance of the Exchange Program for the Development of Students from CEFET/RJ**. 2022. 58 pages. Trabalho de Conclusão de Curso - Federal Center of Technological Education – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

This work had the objective of gathering data to analyze the impact and, especially, the relevance of academic exchange programs in the development of students from CEFET/RJ. As a way to collect this data, a survey was applied to those who have already participated in one of the institution's mobility programs, aiming to build a study that could base its argumentation on the experiences of the participants. To this end, the questions were posed to help understand the skills developed in the academic and personal areas, such as language development and the exchange-employability correlation. In addition, the work sought to present information about the Office of Agreements and International Relations (ASCRI) of CEFET/RJ. The purpose was to show from the exchange programs available, to how the students are assisted and supported by the institution. These elements served as a foundation for the final proposals of the work, such as the signing of new types of agreements with foreign universities and innovative ways to promote academic exchange.

Keywords: Exchange Program. CEFET/RJ. ASCRI. International Mobility. International Agreements.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AFS	<i>American Field Services</i>
ASCRI	Assessoria de Convênios e Relações Internacionais
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CEFET/RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CERN	<i>European Organization for Nuclear Research</i> (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear)
FERMILAB	<i>Fermi National Accelerator Laboratory</i>
LHC	<i>Large Hadron Collider</i> (Grande Colisor de Hádrons)
MBA	<i>Masters in Business Administration</i> (mestrado em administração de negócios)
PAE	Programa de Auxílio ao Exterior
REARI	Rede de Assessorias Internacionais do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
VUCA	<i>Volatility, Uncertainty, Complexity and Ambiguity</i> (Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade)

LISTA DE GRÁFICOS, FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Alunos do CEFET/RJ enviados para o exterior ao longo dos anos – mobilidade out.....	23
Figura 2 – Países que receberam os alunos do CEFET/RJ – mobilidade out.....	23
Gráfico 1 – Idade	27
Gráfico 2 – Sexo	27
Gráfico 3 – Curso	28
Tabela 1 – Curso	28
Gráfico 4 – País de realização do Intercâmbio	29
Gráfico 5 – Auxílio Financeiro	30
Gráfico 6 – Duração do intercâmbio	31
Gráfico 7 – Semestre letivo.....	32
Gráfico 8 – Motivações	33
Gráfico 9 – Hospedagem	34
Gráfico 10 – Fluência anterior ao intercâmbio	35
Gráfico 11 – Fluência após o intercâmbio	35
Gráfico 12 – Relevância na formação profissional	36
Gráfico 13 – Relevância na formação pessoal	36
Gráfico 14 – Qualidade do ensino	37
Gráfico 15 – Empregabilidade	38
Gráfico 16 – Habilidades.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. JUSTIFICATIVA	13
1.2. OBJETIVOS	14
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2. DEFINIÇÃO E ORIGEM DO INTERCÂMBIO	15
3. TIPOS DE INTERCÂMBIO	17
4. O INTERCÂMBIO NO CEFET/RJ.....	20
5. METODOLOGIA	25
5.1. OBJETO DE ESTUDO	25
5.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA	26
5.3. NATUREZA DA PESQUISA.....	26
5.4. MÉTODO DE COLETA DE DADOS.....	27
6. ANÁLISE DE DADOS.....	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICE A - Questionário de Pesquisa.....	48
APÊNDICE B – Outros comentários recebidos no questionário.....	52

1. INTRODUÇÃO

Os efeitos da globalização são muito discutidos no que tange o encurtamento das distâncias, a rapidez da comunicação e a dependência mútua entre países. Porém esses são apenas os aspectos mais visíveis de tal processo de transformação do mundo. Ter um ambiente internacional cada vez mais interconectado reflete mudanças significativas também no mercado de trabalho: desde a forma como os trabalhadores se relacionam com o espaço laboral até as qualificações necessárias para se inserir nele.

A internet, como uma das principais ferramentas de expansão da globalização, fez com que até mesmo pequenas empresas tivessem um grande potencial de interface internacional. Isso porque, atualmente, é fácil vender um produto ou prestar um serviço de qualquer parte do mundo para qualquer parte do mundo, não sendo mais suficiente se ater simplesmente à esfera local. Portanto, observa-se uma crescente busca por profissionais que estejam alinhados com essas tendências e tenham as competências técnicas e comportamentais necessárias para se desenvolver nesse cenário.

Os obstáculos que antes limitavam a contratação de profissionais de diferentes regiões para compor uma equipe vêm sendo superados pelas novas formas de trabalho. Nesse âmbito, as empresas vêm montando grupos de trabalho cada vez mais multiculturais e multiétnicos. Com isso, surge a necessidade de que esses trabalhadores tenham uma sensibilidade mais aguçada ao trabalhar com indivíduos que não compartilham dos mesmos valores e padrões comportamentais. Saber se comunicar, respeitar as diferentes bagagens culturais e possuir uma visão global são características imprescindíveis para todo profissional que busca êxito nesse contexto.

Até o presente momento, o mercado de trabalho ainda vê tais aptidões como diferenciais, mas a evolução das relações globais indica que, brevemente, elas passarão a ser pré-requisitos. Logo, em breve, não possuir tais características pode representar uma barreira de ascensão na carreira. Diante desse panorama, o Intercâmbio Acadêmico se apresenta como uma experiência capaz de desenvolver, por meio da imersão, de forma rápida e eficaz, um profissional flexível e adaptável à fluidez do mundo globalizado. As competências técnicas, linguísticas e culturais

acrescentadas ao currículo dos intercambistas formam profissionais completos e prontos para enfrentar as transformações de um mundo VUCA¹.

Dada a importância de tais conhecimentos, as instituições responsáveis por formar os profissionais do futuro devem prover os meios necessários para que seus discentes se adaptem às novas exigências. Sendo assim, os programas de mobilidade estudantil do CEFET/RJ têm um grande impacto na formação intercultural de seus estudantes, ampliando os horizontes profissionais e pessoais deles. Promover este tipo de experiência torna os alunos mais visados no âmbito laboral e, conseqüentemente, rende à instituição uma melhoria em sua reputação no que tange à colocação de seus estudantes no mercado de trabalho. Além disso, o CEFET torna-se também mais visado no âmbito acadêmico, pois as novas ideias que os alunos trazem do exterior geram produções acadêmicas mais diversas e inovadoras.

Considerando as bases que o trabalho busca consolidar para o futuro, faz-se necessária uma contextualização de como se chegou até o momento atual. Por isso, o capítulo 2 do trabalho preocupa-se em apresentar as origens do intercâmbio estudantil. No referido capítulo, expomos a evolução dessa atividade, que começou como uma viagem de estudos praticada pelas classes europeias abastadas, até os mais diversos formatos que ela assume atualmente. Já no capítulo 3, apresentamos breves explicações sobre as diferentes ramificações dos tipos de intercâmbio. Essa explicação é fornecida para que o leitor tenha uma boa compreensão dos formatos que o intercâmbio viabilizado pelo CEFET/RJ assume. No capítulo 4, o foco do trabalho se estreita para tratar especificamente do histórico de internacionalização do CEFET/RJ e as formas como a mobilidade internacional é organizada dentro da instituição. O capítulo 5 trata dos aspectos metodológicos referentes à pesquisa realizada com alunos do CEFET/RJ que já vivenciaram o intercâmbio. E, finalmente, no capítulo 6 são apresentados os resultados da pesquisa que evidencia a relevância do programa de intercâmbio para esses estudantes. Para concluir o trabalho, as considerações finais são desenvolvidas no capítulo 7.

¹ “O termo VUCA, não é novidade. Ele foi criado na década de 1990, em um cenário pós-guerra fria. Ele surge de um acrônimo das palavras em inglês: Volatility, Uncertainty, Complexity and Ambiguity. Ou seja, Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade.” (EDUCAÇÃO, IEEP 2020)

1.1. JUSTIFICATIVA

Levando em consideração as mudanças a nível global supracitadas, buscamos construir uma pesquisa que ajude a mensurar quais são, de fato, as competências desenvolvidas pela mobilidade estudantil. O presente trabalho se justifica pela necessidade de expandir a discussão sobre o futuro da mobilidade internacional e como ela pode se tornar uma aliada no enfrentamento dos desafios do mercado de trabalho globalizado.

Tendo em conta que os debates sobre o tema são pouco desenvolvidos dentro do CEFET/RJ, o trabalho também se justifica por seu caráter inovador no contexto da instituição. Sua relevância também se dá na medida em que serve como uma base de dados para se pensar o futuro da internacionalização dentro da instituição, além de expor uma visão das experiências internacionais que, possivelmente, permitirá aprimorar desde os convênios com outras universidades até mesmo a própria experiência dos alunos enviados.

É importante ressaltar também o vínculo pessoal que possuímos com o tema. Por já ter passado por um intercâmbio viabilizado pelo CEFET/RJ, fomos capazes de desenvolver habilidades que lhe renderam destaque no mercado de trabalho, além de ter adquirido conhecimentos que facilitaram a vivência acadêmica. Os desafios de viver em outro país também foram fundamentais para o desenvolvimento pessoal e para a construção de nossa independência. Por ter sido uma experiência positiva e inigualável, desejamos que cada vez mais alunos tenham a oportunidade de passarem por um programa de intercâmbio e de se desenvolverem da mesma maneira que nos desenvolvemos.

A realização do trabalho foi também motivada pelo anseio de mudar a visão que se tem sobre o intercâmbio. Muitos ainda veem a atividade como algo supérfluo e/ou inacessível, faz-se necessária a produção do trabalho para mostrar sua devida relevância para os alunos, para a instituição e para a sociedade.

1.2. OBJETIVOS

Levando em consideração as mudanças nas tendências mundiais e as novas exigências aos profissionais do futuro, o presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento de dados que permita analisar os impactos e, sobretudo, a relevância do Intercâmbio acadêmico na formação dos discentes do CEFET/RJ nos âmbitos profissionais, pessoais e acadêmicos.

Além disso, o trabalho busca apresentar informações sobre a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI) do CEFET/RJ. Tais elementos analisados servirão de base para as propostas finais do trabalho, como por exemplo, a assinatura de novos tipos de convênios com universidades estrangeiras e formas inovadoras de fomento ao intercâmbio acadêmico.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Apresentar um histórico da mobilidade internacional e gerar uma compreensão sobre as origens dos modelos de intercâmbio praticados atualmente.
- II. Analisar dados do CEFET/RJ para compreender como se desenvolveu o atual quadro de programas de intercâmbios disponíveis e o quantitativo de alunos que já tiveram tal oportunidade.
- III. Compreender as vivências de alunos que já tiveram a experiência internacional proporcionada pelo CEFET/RJ e suas perspectivas sobre os impactos nos diferentes âmbitos de suas vidas.
- IV. Levantar informações sobre as habilidades desenvolvidas por meio do intercâmbio, a partir da perspectiva dos próprios alunos, bem como suas motivações.

2. DEFINIÇÃO E ORIGEM DO INTERCÂMBIO

A etimologia do termo “intercâmbio” vem do latim *inter*, “entre” e “*cambiare*”, “trocar”. Dessa forma, é possível compreender que o intercâmbio é uma atividade de troca,

seja ela de teor cultural, comercial, político ou profissional. Com a evolução de suas práticas, o termo ficou cada vez mais atrelado à ideia do internacional, ganhando uma conotação ampla, que remete à cooperação entre nações. Doné e Gastal (2012) o definem da seguinte forma:

Intercâmbio é o termo genérico utilizado para descrever todos os tipos de experiências no exterior, de uma forma abrangente. Para simplificar, intercâmbio é a realização de uma viagem ao exterior com o propósito de conhecer os costumes, tradições, tecnologias e o idioma de um país estrangeiro [...]

Apesar de ser uma atividade que segue todas as tendências do mundo globalizado atual, o intercâmbio já é praticado há séculos, antes mesmo da popularização do turismo de lazer e da globalização propriamente dita.

A origem do intercâmbio acadêmico encontra-se muito próxima da origem da própria Academia. Entre os séculos XII e XIII, a Europa vivenciou o desenvolvimento da educação cristã e viu surgir as primeiras Universidades do mundo. Neste momento, as universidades europeias apresentavam um foco na educação religiosa e nas sete artes liberais² (PERNOUD, 1996), com currículos e estruturas muito similares entre si, além de transmitirem o conhecimento por meio da mesma língua: o latim. Esse caráter universalista da educação foi um facilitador para a movimentação dos estudantes entre as diferentes Academias da época.

Revisitando uma breve retrospectiva histórica, percebe-se que o caráter internacional das instituições de Ensino Superior está presente desde a criação das primeiras escolas universitárias. A dimensão internacional já estava presente nas universidades³ que contavam com professores e alunos oriundos de diferentes países, principalmente europeus, que circulavam entre as instituições, formando verdadeiras comunidades universais. Os grupos moviam-se em busca do mesmo objetivo: adquirir conhecimento. (STALLIVIERI, 2017)

Nos séculos subsequentes a esse período, alguns fatores influenciaram a diluição desse caráter universalista do ensino. Um deles foi a emergência de novas religiões, que expandiu os horizontes da educação para além dos dogmas do catolicismo. Outro fator importante foi a unificação dos Estados Nacionais, que transformou a educação superior em uma plataforma de desenvolvimento e difusão dos ideais nacionalistas,

² As sete artes liberais são: 1. Lógica (ou dialética); 2. Gramática; 3. Retórica; 4. Aritmética; 5. Harmonia; 6. Geometria; 7. Astronomia; (NUNES, 1975)

³ As Universitas eram grupos de mestres e alunos, orientados para a produção de conhecimento, pesquisa, reflexão e debate. (AGUIAR, 2021)

além de valorizarem conhecimentos estratégicos para o desenvolvimento do Estado e perderem a unificação linguística.

Além disso, o desenvolvimento do capitalismo nesse período teve grande responsabilidade na reforma das bases sociais e econômicas da Europa e, conseqüentemente, na dinâmica de mobilidade acadêmica neste território. Isso fez com que essa atividade se tornasse cada vez mais restrita às camadas sociais abastadas, que possuíam os recursos necessários para praticá-la. Um bom exemplo disso é a chamada *Grand Tour*, que eram viagens de estudo praticadas por membros da aristocracia que buscavam complementar seus conhecimentos.

O Grand Tour, sob o imponente e respeitável rótulo “viagem de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo status social, embora na realidade a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos (...). Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroada por um Grand Tour através da Europa (...). (Andrade 2000, p. 9)

O modelo de intercâmbio nos moldes atuais se popularizou, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse momento, os países buscavam soluções para a manutenção da paz global e superação das antigas rivalidades que levaram aos conflitos do século XIX. Para isso, diversas instituições de caráter internacional criaram iniciativas com o intuito de fomentar a cooperação entre países e o respeito mútuo, difundindo os costumes e culturas nacionais. Um bom exemplo é a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que até os dias atuais tem como propósito promover a cooperação internacional por meio da educação, ciência e cultura. Outro agente que ajudou a consolidar os laços entre os objetivos de cooperação global e o intercâmbio foi a *American Field Services*, pioneira em programas de voluntariado intercultural⁴ (SEBBEN, 2001) e difusora da filosofia “*learning to live together*”⁵ para a formação de cidadãos globais.

Os atuais formatos também podem ser compreendidos pela ótica de Stallivieri (2017) como:

⁴ “O AFS prepara e engaja futuros líderes e cidadãos globais com habilidades interculturais essenciais do século XXI para engajar, liderar e colaborar efetivamente em diferentes cenários culturais. Nossos programas internacionais de intercâmbio, estudo no exterior e voluntariado são apoiados por jornadas interculturais baseadas em pesquisa, facilitadas por voluntários e funcionários treinados do AFS” (AFS, 2021).

⁵ *Aprendendo a viver juntos.*

É um fenômeno repaginado, que surgiu ainda na Idade Média, mas que agora se apresenta como uma necessidade e uma exigência para a formação dos cidadãos, cujo perfil deve pressupor o domínio de habilidades linguísticas e interculturais, bem como o domínio das competências globais (p.102)

3. TIPOS DE INTERCÂMBIO

Com a crescente dimensão das viagens que ultrapassam o simples turismo de lazer, há um esforço em tentar categorizá-las de acordo com seus objetivos específicos. Diversas nomenclaturas foram criadas para classificar os diferentes tipos de intercâmbio, mas há principalmente três macro categorias, que representam uma visão genérica e são divididas em diversos subtipos (DELFINO; SANTOS, 2018).

A primeira categoria é o intercâmbio de trabalho, que tem por objetivo desenvolver as capacidades laborais interculturais dos participantes. Em sua maioria, são realizados para que haja uma troca de conhecimento de procedimentos técnicos e *know-how* entre profissionais de um mesmo campo de atuação. Esse cenário é mais comum em empresas com alcance global, que enviam seus funcionários para conhecer diferentes sedes e manter uma padronização dos processos. Outro formato possível é caracterizado pela mobilidade de estrangeiros, em sua maioria jovens, para realizar trabalhos que exigem baixa qualificação profissional ou especialização no país de destino. Esses, muitas vezes são motivados pelo simples desejo de viver a cultura do país, ou pela busca de melhores condições e qualidade de vida. As principais subdivisões do intercâmbio de trabalho, de acordo com Peixoto (2005), são:

- **Au Pair:** Programa em que o participante troca sua força laboral por residência, alimentação e uma pequena remuneração. As atividades desempenhadas envolvem serviços domésticos e, sobretudo, o cuidado das crianças da família que os acolhe.
- **Estágio Internacional:** estudantes de diversas áreas buscam esse tipo de intercâmbio para conciliar a prática dos assuntos aprendidos em sala de aula, a aquisição de experiência profissional e a vivência cultural.
- **Trabalho Voluntário:** modalidade de trabalho sem fins lucrativos com benefícios mútuos para quem presta o serviço e para quem o recebe. Muitos

programas de voluntariado internacional apresentam um viés filantrópico e de ajuda humanitária para países necessitados.

A segunda macro categoria é representada pelos Intercâmbios Mistos. O principal objetivo é proporcionar experiências que conciliem aspectos acadêmicos, profissionais e de lazer. Sendo assim, os participantes se envolvem com diferentes atividades e têm uma vivência mais completa. Exemplos de subdivisões são:

- **Summer Work:** trabalhos sazonais em pontos turísticos e lugares de entretenimento. Durante as altas temporadas, quando esses lugares estão recebendo muitos visitantes, as empresas precisam de mão-de-obra extra e, por isso, acolhem intercambistas que buscam, não somente receber a remuneração proposta, como também aproveitar as ofertas de lazer nas horas vagas.
- **Work and travel:** este é um modelo muito buscado por viajantes que desejam conhecer uma região com um orçamento limitado. Nele, os participantes trocam a mão-de-obra por hospedagens e, na maioria das vezes, têm um acordo informal de trabalho. É um modelo muito adotado em hostels ao redor do mundo.
- **Work and Study:** convênio entre empresas e instituições de ensino para oferecer cursos, geralmente de curta duração, e permitir que os conhecimentos desenvolvidos sejam aplicados na prática. Para isso, o participante se divide entre estudar e trabalhar algumas horas por dia. Os trabalhos podem ser tanto remunerados, como não remunerados.

A última macro categoria é constituída pelos programas de intercâmbio de estudo, e representa o principal objeto de análise do presente trabalho. Tais programas, também conhecidos como mobilidade acadêmica, são descritos de diversas formas, de acordo com as diferentes perspectivas de quem tenta defini-los. Para o Ministério do Turismo, por exemplo, o “Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010 p. 15). Já Sebben (2001, p. 14) entende a mobilidade como um viés da educação intercultural, que extrapola os simples interesses e benefícios individuais, como ela define no seguinte trecho:

[...] a Educação Intercultural busca promover a capacidade terapêutica de convivência construtiva e saudável entre todos os indivíduos - sejam eles da mesma etnia ou de etnias diferentes, num tecido intercultural e social ampliado. Isso compreende não apenas a aceitação e o respeito à diversidade cultural, mas também o reconhecimento de nossa própria identidade cultural, na cotidiana busca de diálogo e crescimento, de compreensão e de colaboração, numa perspectiva atual que é a da preocupação com a diversidade cultural.

Existem alguns fatores que diferenciam os programas de mobilidade acadêmica e geram suas subdivisões. O mais importante deles é o nível de ensino procurado (fundamental, médio, superior), esse é um fator que mais influencia a escolha da instituição de destino. Outros fatores importantes são a duração da formação no exterior e o nível de língua dos participantes. Peixoto (2005) identifica 21 subdivisões de intercâmbio de estudo, dentre elas:

- **Especialização:** Funciona como uma espécie de pós-graduação em que o foco é em desenvolver competências mais práticas e visadas pelo mercado de trabalho, por isso não exige que o estudante desenvolva produções acadêmicas extensivas como artigos e monografias. Há também programas de pós-graduação mais acadêmicos como o mestrado e o doutorado.
- **Graduação:** Neste tipo de programa os alunos podem fazer a formação superior parcialmente, complementando a grade curricular com apenas alguns períodos em território estrangeiro, ou completamente, obtendo o diploma da instituição estrangeira. A maioria dos programas exige que os intercambistas já possuam previamente um certo nível de fluência no idioma do país de destino. Apesar de poder assumir diferentes formatos, o mais comum de uma mobilidade acadêmica de graduação é o intercâmbio semestral, em que o aluno passa 6 meses estudando em uma universidade estrangeira.
- **High School:** Bem como a graduação, este tipo de formação pode ser parcial ou completa. Como é um programa voltado para um público abaixo da maioridade legal, a hospedagem costuma ser feita em casas de famílias nativas, o que ajuda a enriquecer a experiência cultural.
- **Idioma:** Esse é um dos formatos mais populares por ter programas direcionados para os mais diversos públicos, objetivos e durações. A imersão cultural faz com que os intercambistas tenham um desenvolvimento mais rápido do que teriam se estudando no próprio país. Os programas podem ser

muito específicos como “Idioma com atividades esportivas” ou ainda “Idioma para Executivos”.

- **MBA:** A sigla para *Masters in Business Administration* (mestrado em administração de negócios) é um programa focado em desenvolver competências para gestão de negócios. Eles costumam ser mais curtos que os mestrados regulares e ter um olhar mais direcionado para o mercado de trabalho. Esse fator, unido aos preços comparativamente mais baixos, tem atraído muitos participantes nos últimos anos.
- **Treinamento para Professores:** Foi um dos primeiros formatos estruturados de intercâmbio de ensino. É voltado para profissionais que já lecionam no idioma estrangeiro e buscam se aperfeiçoar e ganhar credibilidade.

4. O INTERCÂMBIO NO CEFET/RJ

Tendo em vista que a delimitação do estudo deste trabalho é o corpo discente do CEFET/RJ, torna-se relevante fazer um breve relato sobre a história da instituição, os programas por ela oferecidos e o órgão responsável por toda organização relacionada ao tema.

O atual Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca foi criado em 1917 sob o nome de Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz. Ao longo dos anos que sucederam sua criação, o nome foi mudado diversas vezes, até chegar ao atual em 30 de junho de 1978. Em sua origem, a vocação da instituição era a capacitação técnica a nível de ensino médio e, ainda nos dias de hoje, tem grande reconhecimento pela qualidade da educação nesse nível de ensino. Para além disso, o CEFET/RJ expandiu suas competências e tornou-se também um centro de referência em formação humana, científica e tecnológica. A sua atuação atual se dá em diversos níveis de ensino, com a oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio, subsequentes (pós-médio), tecnológicos, de graduação e de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* (mestrado e doutorado), nas modalidades presencial e a distância.

Além da ampliação dos níveis educacionais em que atua, houve também uma expansão em relação à infraestrutura da instituição, que hoje conta com 8 *campi* no estado do Rio de Janeiro, sendo eles: Maracanã (Sede), Angra dos Reis, Itaguaí, Maria da Graça, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Petrópolis e Valença.

Todas essas transformações e as ampliações fizeram surgir uma demanda pela internacionalização. A cooperação com instituições de ensino internacionais teve um pontapé inicial em 1987, por meio de uma pesquisa realizada conjuntamente entre professores do CEFET do curso de engenharia elétrica, professores da UERJ e da FERMILAB (*Fermi National Accelerator Laboratory*) em Illinois – EUA.

O processo de internacionalização, por sua vez, teve início em 1987 – quase uma década após sua transformação em CEFET/RJ, a partir de estudos sobre instrumentação de detectores de partículas, desenvolvidos por professores do curso de Engenharia Elétrica, em parceria com professores da UERJ e do FERMILAB (Fermi National Accelerator Laboratory) em Illinois – EUA. Mais tarde, esses professores passaram a integrar um grupo de pesquisa, juntamente com outros docentes do CEFET/RJ e de outras instituições (UERJ, USP, UNESP, UFRJ, URGs e CBPF), o que permitiu a participação em projetos junto ao maior acelerador de partículas do mundo, o LHC (Large Hadron Collider) do CERN (European Organization for Nuclear Research). Além dos docentes, diversos alunos dos cursos de graduação do CEFET/RJ tiveram a oportunidade de realizarem estágio no CERN. (PLANO INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ, cap. 5)

Já no ano seguinte a instituição integrava, junto a outros centros federais, uma parceria com as Universidades de Ciências Aplicadas (FHS - Fachhochschulen) de Munique, de Colônia e de Berlim, iniciativa que envolveu mais de 100 alunos brasileiros. Com o sucesso da parceria, as universidades envolvidas desenvolveram outros 7 projetos conjuntamente entre os anos de 1999 e 2002. (PLANO INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ, 2018)

Com as crescentes trocas entre o CEFET/RJ e instituições de outros países, essas relações de cooperação internacional começaram a ganhar relevância e passaram a ser entendidas como um pilar estratégico para o desenvolvimento do ensino e da reputação institucional. Sendo assim, fez-se necessária a criação de um departamento que compreendesse os desafios envolvidos nesses processos e que fosse responsável por toda a sua operacionalização.

A partir disso, nasce em 2005 a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI) ligada à Direção-Geral. A ASCRI é o departamento responsável por todos os

assuntos que tangem a cooperação internacional da instituição. A assessoria cuida de todas as etapas da mobilidade estudantil, desde a busca por parceiros no exterior até o acompanhamento dos alunos que são enviados. É ela também a responsável pelo acompanhamento dos alunos estrangeiros recebidos. Essa atuação tem sido positiva para as partes envolvidas, ganhando cada vez mais reconhecimento e apoio para o desenvolvimento de novos programas e parcerias. De acordo com o plano de internacionalização:

O apoio institucional também tem se traduzido através da concessão de bolsas financiadas com recursos próprios do CEFET/RJ e de várias outras iniciativas que visam prospectar e formalizar novas relações com parceiros do exterior, bem como, estimular e criar uma ambiência acadêmica internacional na Instituição.

São diversos os programas e convênios de mobilidade *out*⁶, bem como de mobilidade *in*, disponíveis para os alunos. mas considerando o enfoque do presente trabalho na graduação, e no envio de alunos do CEFET/RJ para o exterior, torna-se relevante explicitar os programas disponíveis de modalidade *out*:

Bolsas institucionais do Programa de Auxílio ao Exterior (PAE), são bolsas de auxílio à mobilidade internacional custeadas com os recursos do próprio CEFET e que costumam ter duração de até 5 meses. Essas bolsas ficam disponíveis aos alunos que passam pelo processo seletivo da ASCRI para ocuparem uma vaga em uma das universidades parceiras, respeitando um certo número de vagas para cada localidade e modalidade de ensino, de acordo com o edital construído pelo departamento responsável.

Programa de dupla diplomação para alunos de graduação dos cursos de Engenharia do CEFET/RJ, são programas em que os alunos têm a oportunidade de cumprir uma grande carga horária de seus cursos na universidade estrangeira e, ao final, têm a oportunidade de adquirirem um diploma tanto do CEFET, quando da instituição de destino, tornando-se um profissional validado internacionalmente. Esse modelo tem regras mais específicas, em concordância com as regras da universidade estrangeira. Além disso, os alunos podem receber bolsas de ambas as universidades ou sequer receberem tal auxílio.

⁶ A mobilidade de alunos se caracteriza tanto pela ida de alunos do CEFET/RJ para o exterior (mobilidade *out*), bem como, pela vinda de alunos estrangeiros para a Instituição (mobilidade *in*).

Becas Santander é um programa de auxílio financeiro da iniciativa privada para estudos no exterior. Todos os anos o Banco Santander disponibiliza para as instituições parceiras um determinado número de bolsas de estudos, de acordo com a quantidade de alunos correntistas que a instituição possua. Os alunos do CEFET passaram a ser elegíveis ao recebimento das bolsas em 2014.

A universidade americana *Saint Martin's University* é responsável anualmente pela oferta de duas bolsas de estudos para que alunos do CEFET tenham a oportunidade da experiência internacional na instituição.

Programa Ciência Sem Fronteiras foi uma iniciativa do governo federal que teve início em 2011. Ele buscava promover a consolidação da internacionalização das áreas científicas e tecnológicas brasileiras por meio da mobilidade acadêmica. Embora o programa tenha sido encerrado em 2017 por falta de verbas, ele foi um importante componente do quadro de mobilidade estudantil do CEFET/RJ, sendo responsável pelo envio de 334 alunos do Centro.

Além desses programas, o CEFET/RJ faz parte de uma rede de mobilidade acadêmica com o intuito de potencializar a oportunidade de seus discentes passarem pela experiência internacional:

A REARI-RJ é composta por catorze Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro e constitui uma rede heterogênea e sem fins lucrativos de assessorias internacionais, cada qual com suas respectivas especificidades, corroborando em beneficiar seus membros de forma conjunta e horizontal.

Desse modo, suas ações junto aos poderes públicos e a sociedade visam a sensibilizar e conscientizar a importância da cooperação acadêmica internacional como estratégia para a manutenção da Rede junto à sociedade civil. (REARI, 2021)

O CEFET/RJ foi um dos membros fundadores da Rede e em 2015 foi eleito vice-presidente. Desde então, vem corroborando com os objetivos de incrementar e promover a integração de instituições globalmente, fazendo o conhecimento circular. Por meio dela, o Centro tem convênio com 32 universidades em 27 países.

Até o ano de 2018, quando o plano de internacionalização foi estruturado, o CEFET contava com acordos diretos com 13 países, sendo eles: Estados Unidos, Canadá, Portugal, Alemanha, Espanha, França, Holanda, Itália, Irlanda, Argentina, Chile, Equador e Ucrânia. Desde o início da internacionalização até aquele ano, um total de 818 alunos foram enviados em mobilidade acadêmica para diversas partes do mundo e por meio dos variados programas de intercâmbio disponibilizados pela instituição de origem (Plano de internacionalização do CEFET/RJ). A distribuição do envio por

localidade e o total de alunos ao longo dos anos pode ser observada nos gráficos a seguir:



Figura 1 – Alunos do CEFET/RJ enviados para o exterior ao longo dos anos – mobilidade out. (fonte: plano de internacionalização do CEFET/RJ, p. 25)

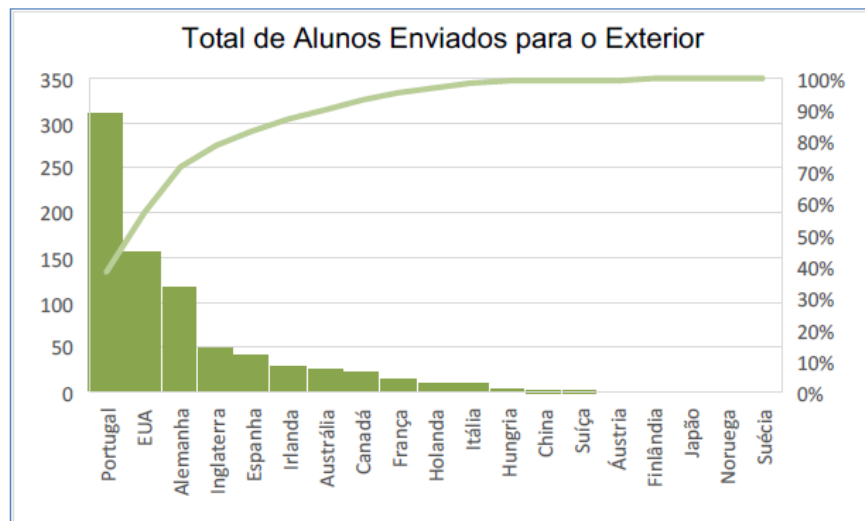


Figura 2 – Países que receberam os alunos do CEFET/RJ – mobilidade out. (fonte: plano de internacionalização do CEFET/RJ, p. 26)

5. METODOLOGIA

O conceito de pesquisa ainda é muito difuso, não havendo um consenso sobre sua definição entre os estudiosos da área. Sendo assim, considera-se aqui a definição que se enquadra melhor na forma como o presente trabalho foi conduzido.

Webster's International Dictionar (apud MARCONI; LAKATOS, 2002, p.15) a define da seguinte forma:

a pesquisa é uma indagação minuciosa ou exame crítico e exaustivo na procura de fatos e princípios; uma diligente busca para averiguar algo. Pesquisar não é apenas procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Dessa forma, apresentam-se a seguir os aspectos metodológicos utilizados no presente trabalho:

5.1. OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo do presente trabalho são os alunos da graduação, bem como os já graduados, dos diferentes campi do CEFET/RJ. O propósito é analisar os impactos que a experiência da mobilidade estudantil teve na vida acadêmica, pessoal e profissional dos participantes.

5.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população é composta por alunos regularmente matriculados ou já graduados em quaisquer dos 16 cursos de graduação presenciais espalhados pelos 8 *campi* do CEFET/RJ. O questionário foi divulgado em diversas redes sociais, em grupos acadêmicos com discentes e docentes. Além disso, ele também foi enviado por e-mail para uma listagem oficial da ASCRI de alunos que já vivenciaram a mobilidade, com o objetivo de obter a maior quantidade possível de respostas do público-alvo do estudo. A amostra consiste em 55 respondentes.

5.3. NATUREZA DA PESQUISA

Quanto às características da pesquisa, pode-se afirmar com base nas ideias de Marconi e Lakatos (2003), que o presente trabalho apresenta um caráter de exploração técnica, sistemática e exata. Isso se dá na medida em que as conclusões da obra buscam confirmar ou negar as hipóteses levantadas pela pesquisadora, baseada em conhecimentos teóricos e empíricos anteriores. Além disso, o

questionário aplicado serviu como instrumento de observação humana, buscando obter a maior precisão possível dos dados, gerando uma pesquisa clara e objetiva.

A presente pesquisa também se empenha em ser *aplicada*, pois tem um interesse prático ao analisar os dados coletados, buscando impactos em um cenário real. Trata-se também de um *estudo descritivo*, uma vez que expõe opiniões que "delineiam o que é" e apresenta uma interpretação do contexto atual (MARCONI; LAKATOS, 2003).

5.4. MÉTODO DE COLETA DE DADOS

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), "questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador". Esse foi o método escolhido para realizar a coleta dos dados a serem analisados. O questionário utilizado (vide apêndice) foi construído na plataforma *Google Docs* e alcançou o público supracitado em *População e Amostra*.

Algumas das vantagens elencadas pelas autoras na obra "Fundamentos da Metodologia Científica" que se comprovaram no uso desse método foram a obtenção de respostas mais rápidas e mais precisas, maior liberdade nas respostas devido ao anonimato e mais segurança pelo fato de as respostas não serem identificadas. Em oposição, a maior desvantagem observada foi o esforço realizado para a obtenção das respostas, em razão do grupo focal ser específico.

Com a aplicação do questionário buscou-se possibilitar o desenho do perfil dos participantes de programas de mobilidade estudantil, a partir de características gerais e específicas, bem como fornecer um espaço para a livre expressão de opiniões, fossem elas contrárias ou favoráveis às experiências vividas. Assim, imaginava-se possível comprovar as hipóteses levantadas previamente, ao analisar os denominadores comuns de dados qualitativos e quantitativos das diferentes vivências.

O objetivo maior era comprovar que, mesmo em um grupo heterogêneo, se faz verdadeira a hipótese de que a mobilidade estudantil proporcionada pelo CEFET/RJ

tem impactos positivos significativos para os estudantes nos diferentes âmbitos de suas vidas.

O questionário foi composto por um total de 18 questões, entre elas 13 fechadas, 3 abertas e 2 escalonadas (de zero a dez). As perguntas gerais abrangiam aspectos com pouca influência direta sobre a experiência dos participantes, como faixa etária, gênero e curso de graduação. Enquanto as perguntas específicas focaram em coletar dados sobre as motivações e experiências individuais, sendo exemplos o país de destino, o nível de fluência prévio do idioma e o recebimento de auxílio financeiro. O questionário recebeu respostas entre os dias 12 de agosto de 2021 e 10 de outubro de 2021.

6. ANÁLISE DE DADOS

O formulário utilizado na pesquisa serviu como ferramenta para avaliar de que formas os estudantes consideram que a experiência do intercâmbio foi benéfica para o desenvolvimento tanto pessoal, quanto profissional e acadêmico.

Para ajudar a traçar o perfil dos alunos do CEFET/RJ que fizeram intercâmbio, as duas primeiras perguntas tinham por objetivo identificar a faixa etária e o gênero com o qual o aluno se identificava. Dos 55 respondentes, uma maioria de 33 alunos (60%) têm entre 18 e 25 anos. Dos outros 40%, apenas 1 aluno (1.8%) respondeu ter mais de 30 anos, enquanto 21 (38,2%) têm entre 26 e 30 anos.

Em relação ao gênero dos alunos, 47,3% são do sexo masculino e 52,7% do sexo feminino. Esses dados contrariam as expectativas anteriores à pesquisa. Considerando que a maioria dos cursos do CEFET/RJ são engenharias e que, no cenário brasileiro, apenas 37,4% (site CEFET) dos alunos concluintes dessa área são mulheres, acreditava-se que a amostra teria uma maioria de homens respondentes. Essa quebra de expectativas pode ter se dado porque, apesar de as mulheres serem a minoria nas engenharias, elas têm um percentual maior de participação nos programas de mobilidade.

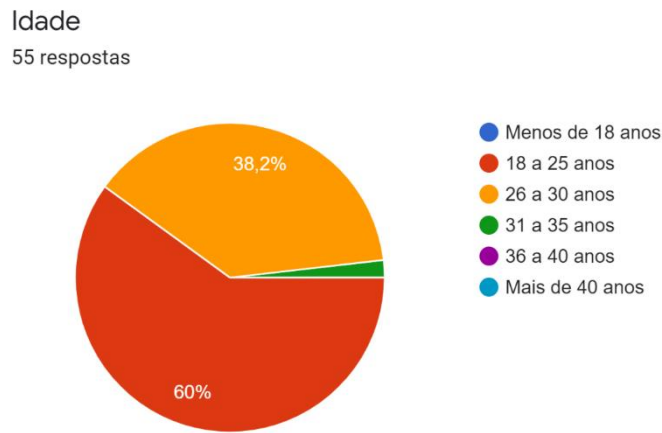


Gráfico 1 – Idade (Fonte: Pesquisa própria)

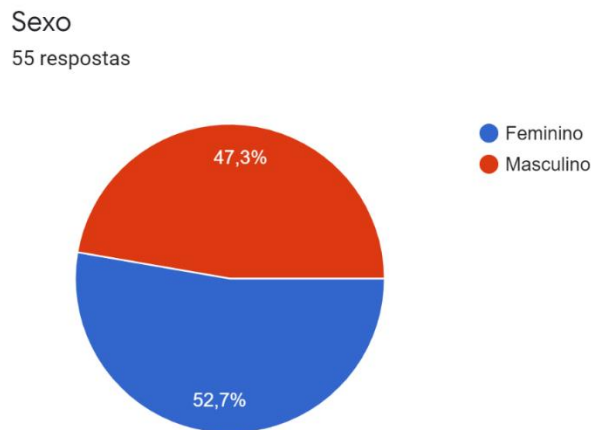


Gráfico 2 – Sexo (Fonte: Pesquisa própria)

Dos 16 cursos de graduação disponíveis, o formulário obteve respostas de alunos de 13 dessas formações. Apenas 3 cursos não ganharam representatividade na pesquisa, sendo eles: Engenharia Ambiental, Engenharia de Controle e Automação e Sistemas para Internet, provavelmente por serem cursos de criação recente dentro da instituição. A maioria dos respondentes são estudantes de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais – LEANI (23,6%), seguidos pelos de Engenharia Mecânica (16,4%) e pelos de Administração e Engenharia Eletrônica (10,9% cada).

Uma das hipóteses levantadas é a de que o curso de LEANI tem uma maior população de alunos participantes de mobilidade devido às vantagens competitivas no processo seletivo. A seleção de alunos para os programas de intercâmbio pelo CEFET/RJ e seus parceiros, na maioria das vezes, consiste em um exame de Redação, Português e comprovação do nível de língua estrangeira (seja pelo próprio exame aplicado na seleção ou por certificações internacionais). Por isso, os alunos internacionalistas saem à frente dos demais, por serem testados em competências que passam toda a graduação desenvolvendo, já que estudam inglês, francês e espanhol como disciplinas obrigatórias na sua grade curricular.

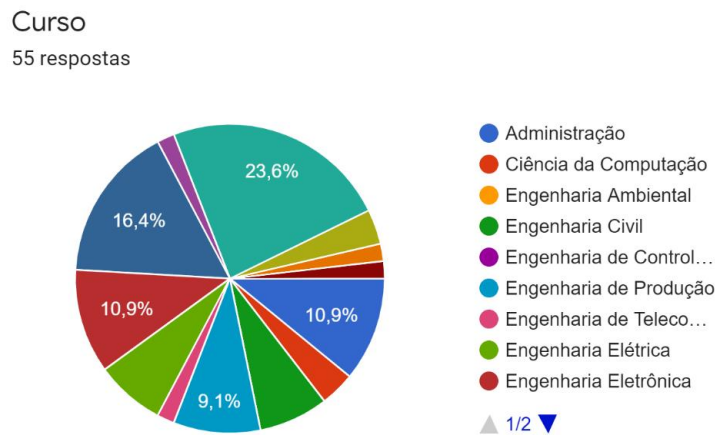


Gráfico 3 – Curso (Fonte: Pesquisa própria)

Número de Respondentes	Curso
13	Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais
9	Engenharia Mecânica
6	Administração
6	Engenharia Eletrônica
5	Engenharia de Produção
4	Engenharia Civil
4	Engenharia Elétrica
2	Ciência da Computação
2	Gestão Ambiental
1	Bacharelado em Turismo
1	Engenharia de Telecomunicações
1	Física
1	Tecnologia em Gestão de Turismo

Tabela 1 – Curso (Fonte: Pesquisa própria)

Em relação ao país de destino desses estudantes, observa-se que uma maioria considerável de 67% dos respondentes teve Portugal como lugar escolhido. Tal país representa um destino estratégico para os estudantes, uma vez que, é possível ter todas as vantagens da experiência de mobilidade, sem algumas barreiras que os outros países apresentam. Para realizar os estudos em Portugal, não é necessária a comprovação do nível de língua e as similaridades culturais com o Brasil são evidentes, tornando a adaptação ao novo ambiente mais fácil para os estudantes. Além disso, a grande rede de brasileiros em Portugal fornece suporte e segurança em casos de emergência.

O segundo país que mais recebeu estudantes do CEFET/RJ, segundo a pesquisa, foi a França, com 13% das respostas. Esse número pode ter sido elevado devido a maioria geral de respondentes do formulário serem do curso de LEANI. Para eles, a França representa o principal destino, isso porque o CEFET tem convênio com a Université de La Rochelle, instituição onde surgiu o referido curso.

Outros países que tiveram representatividade na pesquisa foram: Argentina (7%), Espanha (7%), Estados Unidos (2%), Itália (2%) e um único respondente participou de mobilidade em dois países, Portugal e Alemanha, representando também 2% do resultado total.

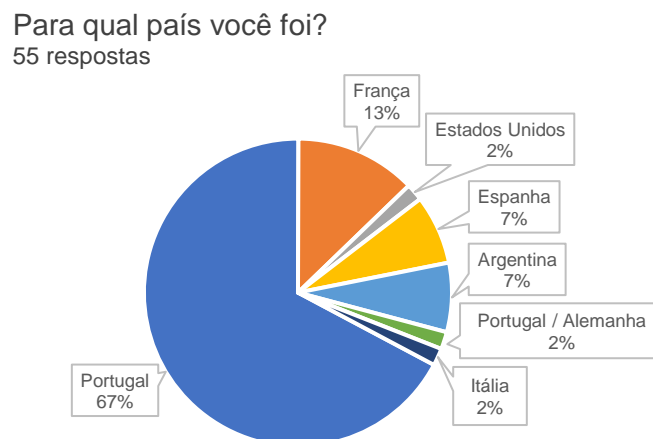


Gráfico 4 – País de realização do Intercâmbio (Fonte: Pesquisa própria)

No que diz respeito ao recebimento de auxílio financeiro, as respostas também comprovaram hipóteses prévias: 94,5% dos participantes da pesquisa receberam algum tipo de bolsa do CEFET/RJ. Apenas 5,5% fizeram mobilidade utilizando

recursos próprios. Esses números demonstram a importância desse tipo de auxílio para a viabilidade dos programas de mobilidade, tanto para a instituição, quanto para os alunos.

Promover os programas de intercâmbio fornecendo os meios financeiros necessários dá oportunidades igualitárias para todo corpo discente. Sem essas bolsas, apenas os alunos com mais recursos pessoais seriam capazes de participar da mobilidade, reproduzindo assim o padrão de desigualdade social que aflige o Brasil.

Você recebeu algum tipo de bolsa do CEFET?

55 respostas

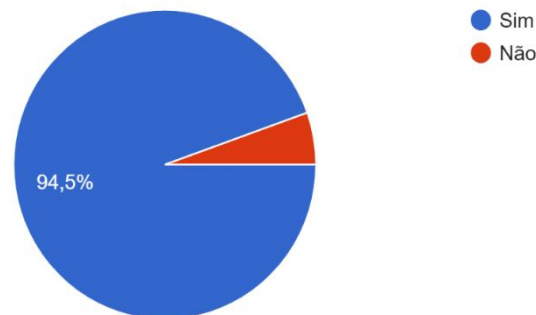


Gráfico 5 – Auxílio Financeiro (Fonte: Pesquisa própria)

A respeito da duração da experiência internacional, observou-se que a maioria dos alunos passaram por mobilidade de longa duração, permanecendo 6 meses ou mais fora do Brasil: 78% dos alunos ficaram no país de destino por 6 meses, duração padrão de um semestre acadêmico. Além disso, 7% ficaram 1 ano, seguidos de 2% que permaneceram por 2 anos e outros 2% que ficaram 3 anos e 6 meses.

Além disso, três respondentes da pesquisa (5%) especificaram ter passado por uma experiência híbrida no exterior, participando por 6 meses de um programa de mobilidade, somado a um período de dupla diplomação. Para dois desses alunos o período de dupla diplomação durou 2 anos e para um deles durou 1 ano e 6 meses.

Apenas 6% dos respondentes fizeram mobilidade de curta duração, sendo 4% referente a um período de 1 mês e os outros 2% a um período de 15 dias.

Qual foi a duração do intercâmbio?
55 respostas

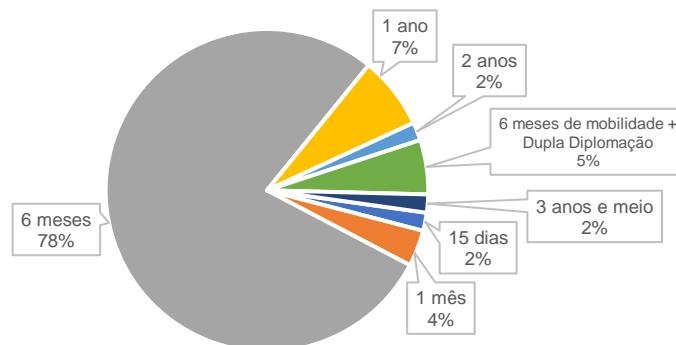


Gráfico 6 – Duração do intercâmbio (Fonte: Pesquisa própria)

Para compreender em que momento da experiência universitária os estudantes se encontravam, foi perguntado em que período eles estavam quando realizaram o intercâmbio. Comprovando as hipóteses, a maioria (89,1%) já cursava a graduação há pelo menos 2 anos, antes de partirem em mobilidade. Destes, 21,8% estavam no 5º período, 20% no 6º período, 29,1% no 7º período, 10,9% no 8º período, 7,3% no 9º período e não houve representatividade de alunos que realizaram tal atividade no 10º período.

Da minoria, 1,8% disseram ter realizado a mobilidade no 1º período, 3,6% no 2º período, 1,8% no 3º período e 3,6% no 4º período. Esse cenário apresenta algumas causas prováveis, sendo uma delas a exigência das universidades estrangeiras de só receberem alunos com mais tempo de estudos. Além disso, talvez haja certo receio por parte dos próprios alunos em participarem de uma experiência internacional tão cedo. Isso porque, nos períodos menos avançados, os discentes costumam ser mais jovens e ter pouca experiência de independência e autonomia.

Em que período você estava quando fez o intercâmbio?

55 respostas

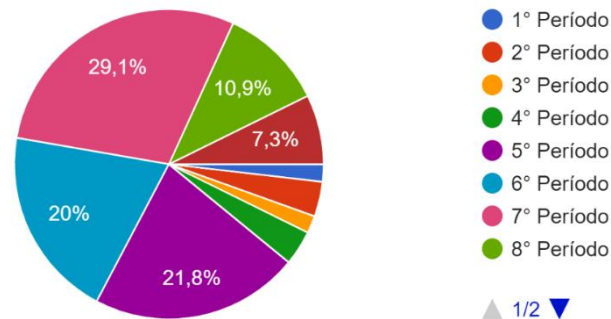


Gráfico 7 – Semestre letivo (Fonte: Pesquisa própria)

Um dos principais objetivos da pesquisa é compreender as motivações que levam os estudantes a participarem de um programa de mobilidade estudantil. Para isso, foi perguntado “*Por que você escolheu fazer intercâmbio?*”. Havia 4 opções de respostas já definidas e um campo aberto para relatos de motivações não listadas, com a possibilidade de selecionar mais de uma opção.

A motivação mais recorrente entre os alunos foi o desejo de realizar mobilidade pela vivência internacional, sendo uma opção selecionada por 51 dos 55 respondentes. Ademais, 38 alunos tiveram como motivação a qualificação para o mercado de trabalho, seguidos de 22 que foram motivados pelo ensino do país estrangeiro e 16 pelo domínio do idioma local.

Cabe ressaltar que a maioria dos respondentes do formulário fizeram mobilidade para Portugal, um país que compartilha a língua nativa dos estudantes. Sendo assim, aprender o idioma não se enquadrava como motivação para eles. Apenas 1 respondente que foi para Portugal selecionou o idioma como motivação. Enquanto isso, três respondentes que foram para países com línguas diferentes do português não selecionaram o idioma como motivação.

Quatro respondentes ainda elencaram outras motivações não listadas, sendo elas: *o amor pelo idioma, a experiência de estudar fora, família residente no local e a experiência de total independência, resiliência, estilo de vida, e pela realização de um sonho supostamente inalcançável.*

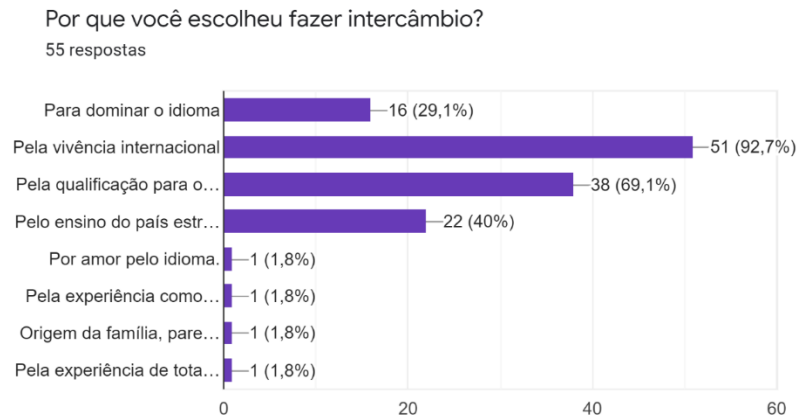


Gráfico 8 – Motivações (Fonte: Pesquisa própria)

Um dos fatores de maior influência na qualidade da experiência internacional dos alunos é a situação de moradia no país estrangeiro. Cada tipo de residência apresenta vantagens e desvantagens particulares. Ficar em uma residência familiar transmite mais da cultura local para o estudante, enquanto que em uma residência estudantil o aluno tem a chance de realizar trocas multiculturais com outros indivíduos que estão em uma situação semelhante.

A maioria dos intercambistas do CEFET/RJ (45,5%) residiram em uma casa ou em um apartamento alugado por conta própria, tendo uma experiência de maior independência. Outra parcela relevante (43,6%) passou o período de mobilidade em uma residência estudantil. Apenas 4 dos respondentes residiram em casas de famílias locais, 1 aluno morou em uma casa fornecida pela faculdade e 1 aluno dividiu um apartamento com outros estudantes do CEFET/RJ.

Onde você se hospedou?
55 respostas

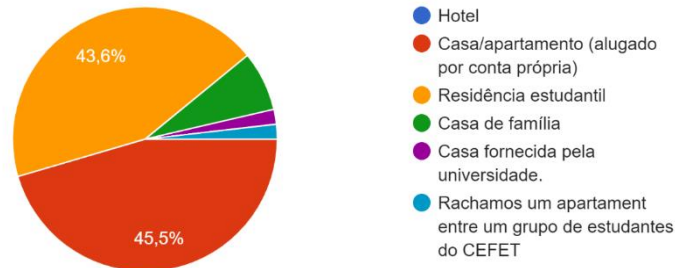


Gráfico 9 – Hospedagem (Fonte: Pesquisa própria)

Considerando que o nível de fluência no idioma estrangeiro é uma das principais competências aprimoradas com a vivência internacional, a presente pesquisa buscou compreender se isso se mostrou verdadeiro também para as experiências dos alunos do CEFET. Para fazer tal análise, foram desconsideradas as respostas dos alunos que fizeram intercâmbio em Portugal, restando 18 respostas válidas.

Antes de deixarem o Brasil, 9 alunos (50%) tinham domínio básico da língua do país de destino, 4 (22%) tinham nível intermediário, outros 4 (22%) avançado, e apenas 1 (6%) já era fluente.

Já no cenário após mobilidade, o número de alunos fluentes passou para 7 (39%), seguidos de 3 (17%) com domínio avançado, outros 7 (39%) no intermediário e apenas 1 (5%) ainda com nível básico.

Qual é o seu nível de fluência no idioma do país hospedeiro depois do intercâmbio?
55 respostas

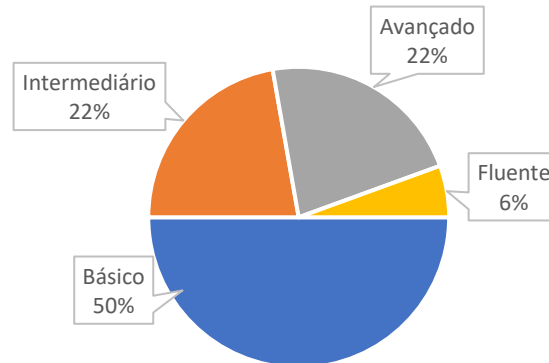


Gráfico 10 – Fluência anterior ao intercâmbio (Fonte: Pesquisa própria)

Qual é o seu nível de fluência no idioma do país hospedeiro depois do intercâmbio?
55 respostas

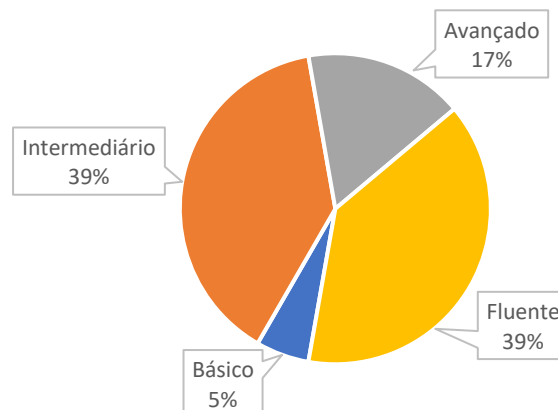


Gráfico 11 – Fluência após o intercâmbio (Fonte: Pesquisa própria)

Para mensurar com maior precisão o impacto que a experiência internacional teve na formação profissional dos estudantes, o formulário possuía uma pergunta sobre o tópico, com respostas escalonadas de 0 a 10.

Para 40% dos respondentes, o intercâmbio teve um papel fundamental em tal âmbito, considerando que selecionaram o peso 10 como resposta. 21,8% deram peso 9, outros 21,8% deram peso 8, seguidos de 7,3% que selecionaram peso 7; 7,3% peso 6 e apenas 1,8% que atribuiu um peso abaixo da média, selecionando 1 como resposta.

De 0 a 10, quão importante foi o intercâmbio para a sua formação profissional?

55 respostas

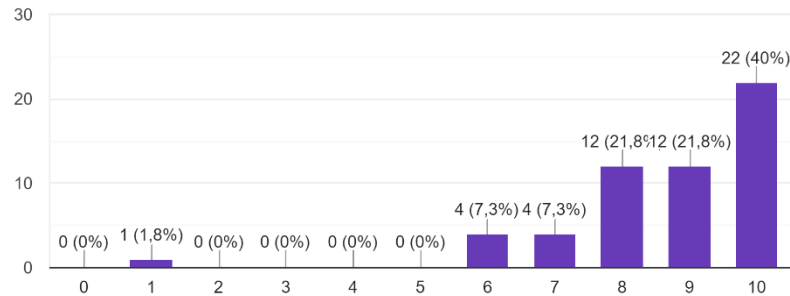


Gráfico 12 – Relevância na formação profissional (Fonte: Pesquisa Própria)

O mesmo modelo de pergunta foi aplicado para avaliar a importância da experiência internacional na formação pessoal dos participantes. Observa-se que os estudantes consideram que o impacto na esfera privada de suas vidas foi superior ao impacto no âmbito profissional. Isso é verificado, uma vez que 94,5% dos respondentes atribuem peso 10 à importância do intercâmbio na formação pessoal. Apenas 1,8% deram peso 9 e 3,6% deram peso 8.

De 0 a 10, quão importante foi o intercâmbio para a sua formação pessoal?

55 respostas

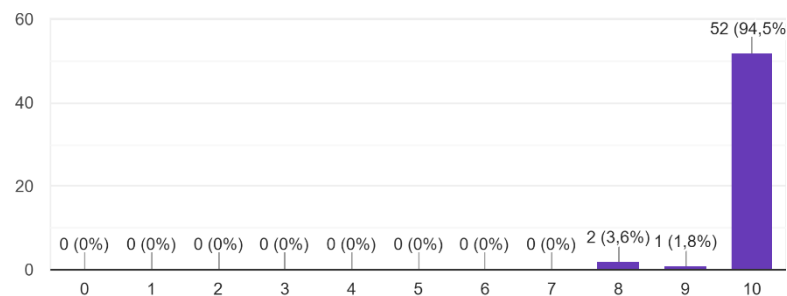


Gráfico 13 – Relevância na formação pessoal (Fonte: Pesquisa própria)

Há no imaginário popular, uma idealização de que a qualidade da educação em outros países, principalmente nos desenvolvidos, está em níveis mais elevados em relação à do Brasil. Com a pergunta “*Você considera que a qualidade de ensino foi superior*

fora do Brasil?” buscou-se examinar se tal idealização se mostrava verdadeira e se esse era um ponto relevante para a experiência dos alunos.

Contrariando o que se acredita popularmente, 72,7% dos alunos afirmaram que a qualidade de ensino não foi superior fora do país de origem. Esse indicador pode estar relacionado a resultados de perguntas anteriores, explicando, por exemplo, porque o ensino no país estrangeiro não foi uma das maiores motivações para os alunos fazerem um intercâmbio.

Isso pode elucidar também porque alguns alunos acreditam que a experiência internacional não foi tão relevante quanto poderia ter sido para a formação profissional. Tal contexto representa um termômetro positivo para o CEFET/RJ, pois indica que a instituição já possui um nível de qualidade de ensino compatível com as universidades estrangeiras.

Você considera que a qualidade de ensino foi superior fora do Brasil?
55 respostas

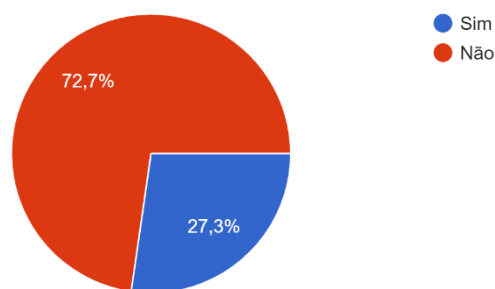


Gráfico 14 – Qualidade do ensino (Fonte: Pesquisa própria)

Mesmo com os resultados anteriores, a experiência internacional ainda se mostrou relevante para a vida profissional dos participantes após o retorno ao Brasil, já que 60% dos alunos afirmaram que o intercâmbio facilitou a ascensão à uma vaga de emprego ou estágio.

Esse panorama reflete uma tendência do mercado de trabalho atual de valorização das *soft skills* tanto quanto das competências técnicas. Isso demonstra como o profissional com uma visão global é valorizado pelo mercado, mesmo que os

conhecimentos técnicos não sejam tão desenvolvidos. Além disso, mostra como os participantes de mobilidade possuem vantagens competitivas no mercado de trabalho.

O intercâmbio te ajudou a conseguir estágio/emprego no Brasil?
55 respostas

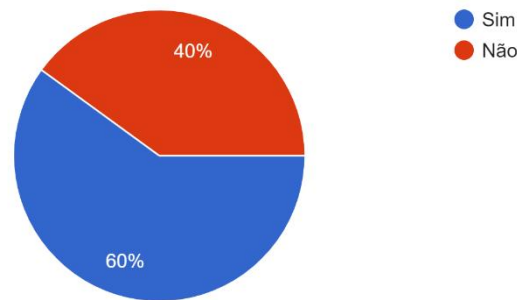


Gráfico 15 – Empregabilidade (Fonte: Pesquisa própria)

Para embasar mais profundamente tais argumentos, foi pedido que os alunos especificassem quais habilidades desenvolvidas durante o intercâmbio, eles acreditavam que favoreceram ou podem favorecer suas entradas no mercado de trabalho. Eles tinham 5 opções de respostas já definidas e um campo aberto para relatar habilidades não elencadas.

Das opções, a mais escolhida entre os alunos foi a bagagem cultural, sendo selecionada por 87,3% dos respondentes. Outra opção que recebeu um número relevante de respostas foi o conhecimento cultural e técnico: 81,8%. Seguidas a essas ressaltam-se o *desenvolvimento social e comunicativo* com 80%, a *flexibilidade* com 61,8% e minoritariamente, observa-se a *fluência* em outro idioma com 38,2%.

Além disso, outra habilidade não elencada, que foi citada por dois dos respondentes, é o desenvolvimento de conhecimentos técnicos necessários para a área de atuação, já que tiveram a oportunidade de cursar disciplinas não ofertadas pelo CEFET/RJ.

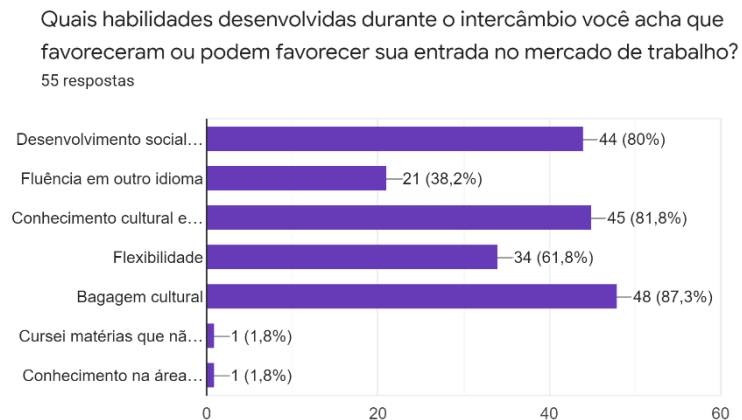


Gráfico 16 – Habilidades (Fonte: Pesquisa própria)

A pesquisa tinha como um dos objetivos compreender as barreiras culturais que poderiam impactar negativamente na experiência dos intercambistas. Para isso, o formulário contava com um campo aberto⁷ onde os respondentes poderiam deixar seus relatos sobre dificuldades devido às diferenças culturais e em relação à adaptação em um novo país e às tradições locais.

Vinte e um alunos afirmaram não terem sofrido com barreiras, sendo que desse número, 17 alunos realizaram a mobilidade em Portugal. Com esses dados, a hipótese levantada é que o fator linguístico representa uma das principais barreiras de adaptação. Isso se mostra presente nos relatos de alguns alunos, até mesmo alguns que já tinham certo domínio da língua: *“No começo tive certa dificuldade com o idioma pois o espanhol da Argentina diverge do espanhol ensinado no LEAN”*.

Uma dificuldade que se mostrou recorrente e alarmante diz respeito aos relatos de xenofobia trazidos pelos estudantes. Doze dos respondentes expuseram algum tipo de preconceito sofrido, em maior ou menor grau, pelo fato de serem brasileiros, como mostram os comentários a seguir:

⁷ Todas as respostas recebidas nos campos abertos do formulário foram transcritas para o corpo do trabalho de forma literal, podendo assim apresentar erros de digitação, gramática e ortografia. No desenvolvimento do trabalho, somente foram utilizados os comentários mais relevantes em relação aos temas trabalhados. Para ler todos os comentários recebidos na íntegra, consulte o APÊNDICE B.

“a vivência com a resistência por parte de portugueses a aceitar e respeitar o brasileiro enquanto povo independente e intelectualmente capaz de atuar lado a lado em esferas profissionais, sociais e acadêmicas”.

“Eu e uma amiga brasileiras sofremos xenofobia no trem, com uma senhora que começou a nos xingar. E ainda tivemos a vez que recebemos uma multa por barulho sendo que não havia nem música ligada e sempre fazíamos festa, a única diferença é que dessa vez era um encontro somente com brasileiros”.

“sofri xenofobia. Durante um festival, um grupo de portugueses identificaram meu grupo de brasileiros e vieram bater na gente. Me jogaram no chão e machuquei a mão. Meu dedo ficou torto por causa disso e teria que fazer uma cirurgia para corrigir e parar de sentir dor”.

Além disso, houve alguns relatos sobre a dificuldade de adaptação às diferenças nos níveis de receptividade dos estrangeiros em relação aos brasileiros:

“O calor e a receptividade dos brasileiros fizeram muita falta, não é uma característica forte dos franceses, mas a comunidade estudantil intercambista na região era bem grande e bem receptiva”.

“No geral, a falta de hospitalidade francesa, principalmente comparada ao Brasil e à outros países da Europa”.

“Dificuldade na interação com a população local, que não são muito receptivos com estrangeiros”.

“Dificuldade de socialização com os nativos, visto que são mais fechados”.

Houve também relatos em relação à dificuldade de adaptação ao clima frio dos países estrangeiros e à culinária local.

Para finalizar o questionário, havia um espaço aberto para que os alunos pudessem trazer questões mais gerais ou que não haviam sido perguntadas. O resultado disso, foram ricos relatos sobre novas experiências, independência, superação, adaptação e crescimento profissional e pessoal, mesmo com todas as dificuldades e barreiras.

“Durante o intercâmbio fiz matérias de reforço de línguas estrangeiras, matérias que não tinham na grande do curso que eu considerava de grande importância, fiz um estágio numa Organização Internacional, e hoje olham o meu currículo com outros olhos por causa do intercâmbio (e pelo fato de ter sido bolsista). No futuro planejo me

inscrever em programas de bolsa de mestrado - e a experiência internacional pode ser um dos pré requisitos ou pode ser um bom indicativo para conseguir uma bolsa. No mais, também consegui começar meu network profissional e acadêmico. Após o intercâmbio, também consegui o intercâmbio na ASCRI, o que também me ajudou muito”.

“Não dá pra mensurar a importância do intercâmbio na minha formação pessoal - desde amizades que levarei pra vida toda até o crescimento que tive que ter ao me deparar com as situações difíceis. A experiência mudou minha percepção de mim mesma como indivíduo, como estudante e, ainda, como brasileira”.

“Achei a experiência excelente, mesmo com todos os problemas. Foi muito importante para desmistificar a vida perfeita no exterior. Sem falar que deixou claro que nossa forma de educação e ensino é melhor e mais receptiva para os alunos estrangeiros. Mesmo assim, aprendi muito, conheci pessoas de diversos países e culturas. Acredito que para a minha formação pessoal tenha sido imensamente mais importante do que para a minha formação acadêmica. Ainda assim, acho que tenha valido a pena manter o CR alto para concorrer a bolsa e ter investido tanto tempo e dinheiro para embarcar nessa aventura”.

“Acredito que minha experiência foi muito além de poder melhorar minha formação acadêmica, me permitiu crescer como pessoal, principalmente com o aumento de responsabilidade. Além disso, pude conhecer outros países e suas culturas, é engrandecedor perceber o quão pequenos somos como indivíduo, e a pluralidade cultural que vivemos no mundo”.

“Foi a experiência mais valiosa que já tive na vida. Eu, sendo de uma família de baixa renda, seria muito difícil ter conseguido essa experiência por conta própria e o CEFET proporciona isso de uma maneira formidável e inclusiva para todos os alunos. Para a minha formação, essa experiência me trouxe um leque de caminhos que posso e quero seguir e, principalmente, me deu uma auto confiança que eu nunca achei que teria”.

“Apesar do nível de ensino ser inferior ao ministrado no Brasil (no CEFET-RJ), a convivência social, a troca de cultura entre diversos países do programa Erasmus, os desafios e vivências da independência total em outro país, auxiliaram no meu autoconhecimento, resiliência, flexibilidade, autonomia e cada experiência, em viagens ou em momentos sociais, me trouxeram a sensação de realização, de estar onde deveria, de amar o que faço e estudo e saber que uma menina que veio de uma periferia alcançaria algo tão mágico por meio dos estudos me trouxe a sensação de orgulho”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um ambiente global cada vez mais interligado, aqueles que sabem navegar pelas nuances das diferenças culturais têm mais chances de serem bem-sucedidos. A experiência do intercâmbio estudantil apresenta-se, por isso, como a forma mais rápida e eficaz de desenvolvimento das competências necessárias para se ter destaque em um mundo de constantes mudanças.

Desde que começou a ser praticada, a mobilidade estudantil tinha por objetivo transmitir aos estudantes uma nova perspectiva sobre assuntos com os quais eles já estavam familiarizados. Além disso, por estarem imersos em uma outra cultura, os intercambistas podiam desenvolver competências que não são passíveis de serem transmitidas em sala de aula, como empatia e independência.

A partir disso, o presente trabalho buscou analisar até que ponto essas ideias se provavam verdadeiras para o contexto do CEFET/RJ. Por meio das vivências e relatos dos alunos da instituição, foi possível demonstrar que o crescimento profissional e pessoal dos estudantes, foi positivamente impactado pela vivência internacional.

Foi possível comprovar que os intercambistas desenvolveram, tanto pelas vivências positivas quanto pelas negativas, uma consciência das diferenças culturais e da forma como cada cultura lida com a receptividade ao outro. As relações interculturais amistosas e conflituosas promoveram uma sensibilidade cultural, somente possibilitada pela imersão. Além disso, adicionar uma experiência internacional ao currículo profissional, fez com que a maioria dos intercambistas tivesse mais facilidade para se inserir no mercado de trabalho.

Logo, os relatos ajudaram a concretizar as hipóteses levantadas sobre a relevância do intercâmbio para a formação dos alunos do CEFET/RJ. Por isso, é importante que a instituição retome, após o cenário de COVID-19, os planos de internacionalização. Deve-se buscar novos convênios com Universidades estrangeiras, aumentando as opções de destinos de intercâmbio e o número de culturas com as quais os alunos podem ter contato.

Além disso, como visto em alguns dos relatos, a bolsa-auxílio foi o fator que permitiu que alguns dos alunos tivessem a experiência do intercâmbio. A ajuda financeira disponibilizada pelo CEFET/RJ permite aos alunos com condições financeiras

desfavoráveis terem as mesmas oportunidades dos alunos mais abastados. Sendo assim, é de extrema importância que a instituição aumente seus esforços para que mais bolsas de intercâmbio sejam disponibilizadas.

Atualmente está sendo elaborado o Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024 (PDI 2020-20214), um documento para definição da missão da instituição de ensino superior e as estratégias para atingir suas metas e objetivos. Com isso, temos a chance de trazer à tona e aprofundar o tema de internacionalização do CEFET/RJ, consolidando-o como uma prioridade para o desenvolvimento da universidade. Nesse momento também é discutido o orçamento para tal atividade, e espera-se que o presente trabalho contribua para que a gestão considere uma expansão na verba necessária para o auxílio mobilidade, possibilitando que mais alunos participem.

Com as mudanças nos modelos de ensino forçadas pela pandemia de COVID-19, as instituições de ensino internacional tiveram que se adaptar para seguir com suas atividades. Devido a isso, muitas passaram a ministrar aulas no modelo *on-line*, em que os alunos podem assistir de qualquer lugar, necessitando apenas de conexão à internet. Considerando tal conveniência e a estrutura que já foi desenvolvida pelas universidades, acredita-se que nos próximos anos, haverá um aumento nas disciplinas ofertadas nesse modelo.

Se esse cenário se concretizar, o CEFET/RJ estará diante de mais uma oportunidade de internacionalização. Será possível fazer convênios para que os alunos se insiram em classes virtuais, possibilitando uma perspectiva do ensino internacional e interações com alunos de outros países. Essa alternativa ao modelo tradicional de intercâmbio, apesar de não proporcionar a imersão cultural, representa uma iniciativa de baixo custo para as instituições envolvidas, ao mesmo tempo que pode gerar um primeiro contato dos alunos com o internacional e o aprimoramento da língua estrangeira.

De modo geral, levado em consideração todos os argumentos levantados durante o trabalho, o CEFET/RJ deve levar adiante seus esforços relacionados à mobilidade estudantil, se alinhando cada vez mais com as tendências do mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

AFS. **O que fazemos: preparamos e engajamos cidadãos globais**. Preparamos e engajamos cidadãos globais. Disponível em: https://www.afs.org.br/sobre-o-afs/?utm_source=Google%20Ads&gclid=Cj0KCQiAqbyNBhC2ARIsALDwAsCijLYIqkZ1vvYmaleWAt_Ra4mBUnP8N-JJy1TM65mmTuU59q9vppcaAorvEALw_wcB#afs-nav-nossa-estrategia. Acesso em: 07 dez. 2021.

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. **Educação na Idade Média**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/educacao-na-idade-media.htm>. Acesso em 07 de dezembro de 2021.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2000. 215 p.

BLOG IEEP. Disponível em: <https://www.ieepeducacao.com.br/mundo-vuca/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DELFINO, Maria Claudia Nunes; SANTOS, Flavia Cristina Passos. **Intercâmbio como diferencial na formação do profissional de comércio exterior**. Revista Processando o Saber, v. 10, p. 73-92, 1 out. 2018.

DONÉ, Patrícia di; GASTAL, Susana. **Intercâmbio: um Segmento Turístico Cultural, Educacional, Profissional e Humano**. 2012. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

EDUCAÇÃO, IEEP. **O que é o mundo VUCA e como ele impacta na sua vida?** 2020. PERNOUD, Régine. **LUZ SOBRE A IDADE MÉDIA**: Publicações Europa America, 1997. 208 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003. 310 p.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. AS ARTES LIBERAIS NA IDADE MÉDIA. **Revista de História**, São Paulo, v. 51, n. 101, p. 6-8, mar. 1975.

O que é o Mundo Vuca? [S. l.], 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.ieepeducacao.com.br/mundo-vuca/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PEIXOTO, Renata da Penha Lima. **A CRESCENTE PROCURA PELO INTERCÂMBIO CULTURAL**. 2005. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

RIO DE JANEIRO. CEFET/RJ. **PLANO INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ**. Rio de Janeiro: Cefet/Rj, 2018. 51 p.

REARI. **Nós somos a REARI-RJ!** Disponível em: <https://reari.uff.br/>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SEBBEN, Andréa Simões. **Um estudo exploratório sobre o intercâmbio cultural com a contribuição da psicologia intercultural e da educação intercultural**. 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2001.

STALLIVIERI, Luciane. Capítulo 1. *In*: **INTERNACIONALIZAÇÃO e Intercâmbio: Dimensões e Perspectivas**. [S. l.: s. n.], 2017.

TURISMO, Ministério do. **TURISMO DE ESTUDOS E INTERCÂMBIO: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Distribuição Gratuita, 2010. 72 p. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 07 dez. 2021.

APÊNDICE A - Questionário de Pesquisa

A relevância do intercâmbio para a formação dos alunos do CEFET/RJ

O questionário a seguir destina-se exclusivamente aos discentes do CEFET/RJ que fizeram intercâmbio por meio de convênios da própria instituição.

O objetivo é levantar dados que ajudem a compor um Trabalho de Conclusão de Curso.

***Obrigatório**

1. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 18
- anos 18 a 25
- anos 26 a 30 anos
- 31 a 35 anos
- 36 a 40
- anos Mais de 40 anos

2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino

3. Curso *

Marcar apenas uma oval.

- Administração
- Ciência da Computação
- Engenharia Ambiental
- Engenharia Civil
- Engenharia de Controle e Automação
- Engenharia de Produção
- Engenharia de Telecomunicações
- Engenharia Elétrica
- Engenharia Eletrônica
- Engenharia Mecânica
- Física
- Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais
- Gestão Ambiental
- Sistemas para Internet
- Bacharelado em Turismo
- Tecnologia em Gestão de Turismo

4. Para qual país você foi? *

5. Você recebeu algum tipo de bolsa do CEFET? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

6. Qual foi a duração do intercâmbio? *

Marcar apenas uma oval.

6 meses

1 ano

Outro: _____

7. Em que período você estava quando fez o intercâmbio? *

Marcar apenas uma oval.

1° Período

2° Período

3° Período

4° Período

5° Período

6° Período

7° Período

8° Período

9° Período

10° Período

8. Por que você escolheu fazer intercâmbio? *

Marque todas que se aplicam.

Para dominar o idioma

Pela vivência internacional

Pela qualificação para o mercado de trabalho

Pelo ensino do país estrangeiro

Outro: _____

9. Onde você se hospedou? *

Marcar apenas uma oval.

- Hotel
- Casa/apartamento (alugado por conta própria)
- Residência estudantil
- Casa de família
- Outro: _____

10. Qual era o seu nível de fluência no idioma do país hospedeiro antes do intercâmbio? *

Marcar apenas uma oval.

- Básico
- Intermediário
- Avançado
- Fluente

11. Qual é o seu nível de fluência no idioma do país hospedeiro depois do intercâmbio? *

Marcar apenas uma oval.

- Básico
- Intermediário
- Avançado
- Fluente

12. De 0 a 10, quão importante foi o intercâmbio para a sua formação profissional? *

Marcar apenas uma oval.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. De 0 a 10, quão importante foi o intercâmbio para a sua formação pessoal? *

Marcar apenas uma oval.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Você considera que a qualidade de ensino foi superior fora do Brasil? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

15. O intercâmbio te ajudou a conseguir estágio/emprego no Brasil? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

16. Quais habilidades desenvolvidas durante o intercâmbio você acha que favoreceram ou podem favorecer sua entrada no mercado de trabalho? *

Marque todas que se aplicam.

Desenvolvimento social e comunicativo

Fluência em outro idioma

Conhecimento cultural e técnico

Flexibilidade

Bagagem cultural

Outro: _____

17. Você enfrentou barreiras culturais ou teve algum problema de adaptação à cultura local? Em caso afirmativo, quais? *

18. Conte mais sobre a sua experiência e como ela foi importante para a sua formação?

APÊNDICE B – Outros comentários recebidos no questionário

“Você enfrentou barreiras culturais ou teve algum problema de adaptação à cultura local? Em caso afirmativo, quais?”

55 respostas

1. O calor e a receptividade brasileiros fizeram muita falta, não é uma característica forte dos franceses, mas a comunidade estudantil intercambista na região era bem grande e vem receptiva.
2. Não
3. No geral, a falta de hospitalidade francesa, principalmente comparada ao Brasil e à outros países da Europa.
4. No começo tive certa dificuldade com o idioma pois o espanhol da Argentina diverge do espanhol ensinado no LEANI.
5. Só precisei me adaptar aos costume da família que me acolheu
6. Sempre existem barreiras de comunicação. Me lembro de utilizar a palavra pronto, um falso cognato, e fazer a família toda se atrasar para o jantar
7. Não
8. Não, pois o ambiente acadêmico era bem diversificado e internacionalizado
9. Não
10. "Sim, os franceses são grossos, são literais e não fazem absolutamente nada que não esteja no contrato deles. Além disso eles não respeitam as outras culturas, riem de quem fala errado e são muito xenofóbicos. Além de outros costumes que soam estranhos para nós. Os franceses fumam em qualquer lugar e qualquer temperatura. Em geral eles ficam muitas horas sem comer, mas não conseguem ficar 30 minutos sem fumar. Para cancelar qualquer coisa, conta no banco ou linha de telefone, por exemplo, ou você vai na agência/ loja contratada ou é preciso enviar por correios uma carta à mão em francês, com mil requisitos. Riram da Thalita na recepção da Residência estudantil porque ela pronunciou mal uma palavra, detalhe que eles são funcionários do governo. Quando fui aos Correios lá, pedi para comprar selo e fui informada que o funcionário que vendia selos não tinha ido e por isso eles não estavam vendendo selos, detalhe que havia selos na loja, eles só não venderiam. Estudantes franceses se recusaram a fazer a prova comigo e com outra intercambista. No meio da auditório lotado, eles não tiveram nem vergonha de dizer que não queriam. A professora tentou negociar, mas não teve jeito. Eu e uma amiga brasileiras sofremos xenofobia no trem, com uma senhora que começou a nos xingar. E ainda tivemos a vez que recebemos uma multa por barulho sendo que não havia nem música ligada e sempre fazíamos festa, a única diferença é que dessa vez era um encontro somente com brasileiros. "
11. Não
12. Tive problemas com relação a preconceito dos portugueses com as mulheres brasileiras.
13. Tive dificuldade em entender o funcionamento de praticamente tudo, desde a como comprar o ticket do transporte até encontrar minha sala na faculdade, não que fosse algo difícil, mas como era algo fora da minha zona tive uma certa dificuldade. Após o primeiro mês, já me sentia mais a vontade. Pela quantidade

de Brasileiros que pude compartilhar minha experiência, não tive muitos problemas com a adaptação cultural, sempre tinha um pouquinho de Brasil em cada lugar que ia."

14. Preconceitos com o estereótipo do brasileiro.
15. Não.
16. Não
17. Não
18. Sim. Divergência cultural, clima e um pouco de xenofobismo.
19. Sofri um pouco de preconceito por ser brasileira.
20. não
21. Não.
22. Sim. Percebi uma certa resistência de alguns portugueses em fazer trabalho comigo, em aceitar minhas opiniões sobre o assunto trabalhado.
23. Barreiras culturais sempre existem, porém, como fui para Porto, onde já se fala português, além do imenso número de brasileiros morando lá, não acho que isso foi um problema que valha a pena citar.
24. Sim, sofri xenofobia. Durante um festival um grupo de portugueses identificaram meu grupo de brasileiros e vieram bater na gente. Me jogaram no chão e machuquei a mão. Meu dedo ficou torto por causa disso e teria que fazer uma cirurgia para corrigir e parar de sentir dor.
25. Tive situações que sofri preconceito por ser brasileiro morando em Portugal, mesmo sendo cidadão e tendo todos os mesmos documentos de um português
26. Não...A dificuldade de adaptação foi com o clima frio.
27. Não.
28. Dificuldade na interação com a população local, que não são muito receptivos com estrangeiros.
29. Dificuldade de socialização com os nativos, visto que são mais fechados.
30. Somente ao frio excessivo
31. Algumas diferenças de costumes e tradições não só do país em que visitei, tive oportunidade de conviver com pessoas de vários países. Mas conhecê-las foi extraordinário para mim, acrescentou muito na forma de enxergar o mundo.
32. Não
33. Sim, comidas bem diferentes e idioma complicado
34. Sim, adaptação na comunicação tanto na fala quanto no entendimento.
35. Não
36. Não
37. Não
38. Por mais que em Portugal também se fala português, a comunicação muitas vezes se mostrou difícil com os portugueses, principalmente pelo jeito que eles têm de falar.
39. Não considero que minha formação no Cefet estava aquém da ofertada na universidade espanhola, mas tive que me adaptar ao formato das aulas nesta universidade e aos métodos avaliativos. Tive de me adaptar a outros aspectos culturais, mas nenhuma grande barreira/dificuldade (talvez pela minha abertura /pré-disposição ao que era novo).

40. Sim. Dificuldade com a cultura das pessoas não tão simpáticas como no Brasil, culturas de rotinas e horários diferentes e adaptação a distância no início do intercâmbio.
41. Não tive problemas
42. Não.
43. Sim, a vivência com a resistência por parte de portugueses a aceitar e respeitar o brasileiro enquanto povo independente e intelectualmente capaz de atuar lado a lado em esferas profissionais, sociais e acadêmicas.
44. Sim. A forma de tratamento das pessoas, que não são tão receptivas como no Brasil, principalmente as de mais idade.
45. Cultura
46. Um pouco com algumas palavras do português de Portugal e algumas pessoas que se mostraram no geral um tanto xenofóbicas
47. Sim, sempre existem barreiras culturais quando chegamos em um outro país. Em Portugal, apesar da facilidade da língua, existem diversos termos diferentes ou com outros significados, por exemplo. Outra diferença é relativa a forma de se vestir e portar dentro da universidade, sempre mais formal que a nossa.
48. Não
49. Acredito que a principal dificuldade foi a interação com os portugueses, porque como Portugal tem muitos brasileiros, a tendência é acabar interagindo com outros brasileiros
50. Leve xenofobia por parte de alguns portugueses, mas nada demais
51. Não
52. Não
53. Um pouco de demora para fazer amizades e me enturmar com os nativos na faculdade.
54. Maneiras diferentes de tratamento para com as pessoas; Xenofobia; Machismo.
55. Apenas a culinária. De resto, fui preparado e estudado sobre o que iria viver.

“Conte mais sobre a sua experiência e como ela foi importante para a sua formação?”

33 respostas

1. Ela foi fundamental para meu conseguir minha vaga de estágio e também as habilidades necessárias pra desempenhar bem as minhas funções.
2. A experiência do intercâmbio foi de extrema importância para desenvolver a minha independência e para que pudesse aprender a lidar com contratempos sozinha; além de adquirir uma enorme bagagem cultural apesar do pouco tempo em que fiquei fora do país.
3. Não dá pra mensurar a importância do intercâmbio na minha formação pessoal - desde amizades que levarei pra vida toda até o crescimento que tive que ter ao me deparar com as situações difíceis. A experiência mudou minha percepção de mim mesma como indivíduo, como estudante e, ainda, como brasileira.

4. De uma maneira geral foi muito importante pois me deixou mais próximo do idioma e de pessoas incríveis que levo comigo até hoje
5. Do ponto de vista da minha formação, minha experiência me ajudou a ver a minha área de um ponto de vista diferente, adquirir novos conhecimentos, que eu acho que não seria possível aqui devido ao ensino que temos, acredito que ter contato com o ensino de outro país foi enriquecedor para mim. Além disso há também o enriquecimento pessoal por ter tido contato com pessoas de outros países e ter visto o mundo a partir de um outro ponto de vista.
6. Durante o intercâmbio fiz matérias de reforço de línguas estrangeiras, matérias que não tinham na grande do curso que eu considerava de grande importância, fiz um estágio numa Organização Internacional, e hoje olham o meu currículo com outros olhos por causa do intercâmbio (e pelo fato de ter sido bolsista). No futuro planejo me inscrever em programas de bolsa de mestrado - e a experiência internacional pode ser um dos pré requisitos ou pode ser um bom indicativo para conseguir uma bolsa. No mais, também consegui começar meu network profissional e acadêmico. Após o intercâmbio, também consegui o intercâmbio na ASCRI, o que também me ajudou muito.
7. Fui para a cidade de Lille no norte da França cursar LEA. A experiência foi extremamente enriquecedora apesar de curta e meu nível de língua estrangeira avançou de modo notável.
8. Achei a experiência excelente, mesmo com todos os problemas. Foi muito importante para desmistificar a vida perfeita no exterior. Sem falar que deixou claro que nossa forma de educação e ensino é melhor e mais receptiva para os alunos estrangeiros. Mesmo assim, aprendi muito, conheci pessoas de diversos países e culturas. Acredito que para a minha formação pessoal tenha sido imensamente mais importante do que para a minha formação acadêmica. Ainda assim, acho que tenha valido a pena manter o CR alto para concorrer a bolsa e ter investido tanto tempo e dinheiro para embarcar nessa aventura.
9. O intercâmbio foi uma experiência muito enriquecedora para minha formação intelectual, pessoal e profissional.
10. Acredito que minha experiência foi muito além de poder melhorar minha formação acadêmica, me permitiu crescer como pessoal, principalmente com o aumento de responsabilidade. Além disso, pude conhecer outros países e suas culturas, é engrandecedor perceber o quão pequenos somos como indivíduo, e a pluralidade cultural que vivemos no mundo.
11. O intercâmbio me fez crescer como ser humano e me abrir mais para um mundo de possibilidades que eu desconhecia. Além de ter me ajudado muito a destravar o inglês, ainda que não fosse o idioma local, pelo convívio com pessoas de todo o globo.
12. Possibilidade de vivência e interação com pessoas de todo o mundo e conhecimento de uma forma mais dinâmica de aprendizado focado na prática.
13. O intercâmbio foi imprescindível para meu desenvolvimento pessoal. Apesar de sentir que o nível educacional das disciplinas que cursei foi inferior às disciplinas do CEFET, tive ótimas experiências, pois a abordagem das

matérias focou na parte prática, agregando ainda mais minhas habilidades técnicas.

14. Foi a experiência mais incrível da minha vida. O intercâmbio me deu a oportunidade de estudar em uma universidade conceituada fora do Brasil, obter mais conhecimento em minha área, me adaptar a uma cultura diferente, me relacionar com pessoas de diferentes culturas. Além disso, fiz amizades para a vida e tive a oportunidade de conhecer diversos lugares no tempo livre. Fazer um intercâmbio é expandir os horizontes, é abrir a mente, é ver que não há limites para você.
15. "Como respondido anteriormente, profissionalmente falando, o intercâmbio nada fez. Como experiência de vida, foi uma das mais incríveis que já tive em toda a minha vida, gostaria que todas as pessoas tivessem a benção de ter também. O ensino também nada difere do Brasil, diria até que minha experiência não foi legal (e olha que estudei na FEUP). Não deixei de ir por nenhum problema com relação a profissão e ensino. A qualidade do intercâmbio está ligada ao desenvolvimento pessoal, é isso por si só é incrível."
16. Tive problema com xenofobia mas não me arrependi de ter feito o intercâmbio. O intercâmbio foi muito importante para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Também consegui ver como o ensino brasileiro é completo.
17. A experiência para mim foi fantástica. Primeiro momento em que vivi por conta própria, lidando em um país com culturas diferentes e conhecendo pessoas totalmente diferentes do habitual aqui no Rio de Janeiro. Tive uma troca cultural grande com outros brasileiros, portugueses e outras nacionalidades que lá estavam. Pude desenvolver línguas como inglês e espanhol pois estava em contato direto com pessoas que só poderia me comunicar por meio desses idiomas. Foi gratificante conhecer e fazer amizades pelo mundo, além de abrir uma porta para voltar a estudar fora
18. Foi muito importante para o meu amadurecimento a experiência de viver sozinha em um outro país.
19. Foi uma revolução na minha vida pessoal e profissional. Abriu meus horizontes de possibilidade de estudo fora do país. Facilitou a minha inserção no mercado de trabalho, uma vez que o intercâmbio é uma experiência muito valorizada pelas empresas. Me permitiu desenvolver a independência em todas as áreas da vida e a interação com pessoas de diferentes países/culturas/costumes.
20. Maior desembaraço nos problemas cotidianos, contatos com pessoas de todo o mundo, autoconhecimento etc.
21. Acredito que o intercâmbio foi de maior valor pensando em relação a formação pessoal e ampliação de visão do mundo. O maior conhecimento foi o pessoal e desenvolvimento de habilidades como adaptabilidade, flexibilidade e lidar com problemas complexos. Acredito que isso vai ser muito importante no meu crescimento profissional.
22. Tanto a experiência acadêmica na minha área, quanto com relação ao idioma foram essenciais para minha formação. Entender como se dá a formação em outro país, quais são as frentes de pesquisa realizadas na universidade, alguns aspectos da valorização da ciência e do pesquisador etc. A abertura para o novo, também impactou na minha formação profissional e pessoal. Voltei do

- intercâmbio uma pessoa diferente da que eu era antes de ir. Novas perspectivas sobre a vida em geral.
23. Não consigo definir em palavras o tamanho da importância desse intercâmbio. Uma experiência cultural, pessoal, profissional, intelectual incrível! Sou muito grata ao CEFET por essa oportunidade.
 24. Fiz intercambio para Portugal em 2016 e posteriormente fui aluno de dupla diplomação. O Departamento de relações internacionais foi fundamental para meu sucesso profissional e sou extremamente grato a Angela Norte, Valeria e Ronney por serem ferramentas para crescimento da minha carreira. Em minha primeira experiência fui bolsista do CEFET e consegui pagar todas as contas somente com a bolsa do CEFET, sem extravagâncias. A dupla diplomação em 2018 foi chave para minha empregabilidade.
 25. Foi muito gratificante a possibilidade de residir em um outro país e sou muito grato ao CEFET e pela equipe da ASCRI
 26. Apesar do nível de ensino ser inferior ao ministrado no Brasil (no CEFET-RJ), a convivência social, a troca de cultura entre diversos países do programa Erasmus, os desafios e vivências da independência total em outro país, auxiliaram no meu autoconhecimento, resiliência, flexibilidade, autonomia e cada experiência, em viagens ou em momentos sociais, me trouxeram a sensação de realização, de estar onde deveria, de amar o que faço e estudo e saber que uma menina que veio de uma periferia alcançaria algo tão mágico por meio dos estudos me trouxe a sensação de orgulho.
 27. Vivi experiências incríveis que me qualificaram como pessoa e me deram uma visão de mundo muito mais ampla e diversa.
 28. Minha experiência me trouxe inúmeros benefícios tanto na vida pessoal quanto acadêmica. No âmbito pessoal, aprendi a ser mais independente, mais comunicativa e me trouxe um enorme amadurecimento. Já para minha formação, percebi de forma clara como o mesmo assunto pode ser abordado de diferentes olhares e me trouxe uma carga cultural que acho que todos deveriam ter, me trouxe novos olhares, novas perspectivas sobre o turismo e a cultura, agregou de todas as formas possíveis.
 29. Eu fiz parte de dois programas de intercâmbio, Mobilidade Estudantil e Dupla Diplomação. A mobilidade me trouxe experiências incríveis e muita bagagem cultural, sendo um diferencial para a minha formação pessoal. Já a DD foi o que me possibilitou estar hoje cursando Doutorado na Universidade NOVA de Lisboa, abrindo muitas portas na questão profissional.
 30. O intercâmbio foi importante na minha formação pq me deu a oportunidade de ter um diploma no exterior e a possibilidade de trabalhar em Portugal
 31. Experiência enriquecedora, tanto cultural como academicamente. Culturalmente, por na Europa temos a oportunidade de conhecer e aprender sobre lugares e histórias de uma época que o Brasil não viveu. E academicamente pois a estrutura de minha Universidade hospedeira era bem maior e melhor do que meu Campus, o que me proporcionou contato com uma biblioteca imensa, métodos de ensino diferentes, professores de diversas qualificações e experiências internacionais, colegas de classe de várias partes do mundo.

32. Foi a experiência mais valiosa que já tive na vida. Eu, sendo de uma família de baixa renda, seria muito difícil ter conseguido essa experiência por conta própria e o CEFET proporciona isso de uma maneira formidável e inclusiva para todos os alunos. Para a minha formação, essa experiência me trouxe um leque de caminhos que posso e quero seguir e, principalmente, me deu uma auto confiança que eu nunca achei que teria.
33. Acrescentou, como nada antes havia feito, na minha forma de ver o mundo. Conheci pessoas de diversos países e aprendi a melhor conviver e entender outras culturas, principalmente no que diz respeito a dinâmicas sociais.